

RESENHA BIBLIOGRÁFICA (1).

MIREAUX (Émile). — **Les Poèmes Homériques et l'Histoire Grecque.**
Tomo I: **Homère de Chios et les routes de l'étain.** Paris, Éditions
Albin Michel, 1948. In 8.º, 379 páginas, 3 mapas.

Muito já se escreveu sobre os poemas homéricos, tanto na antigüidade quanto nos tempos modernos, e o mesmo, certamente, sucederá no futuro, sem que jamais, talvez, alguém possa dizer a última palavra sobre o assunto.

As primeiras dúvidas sobre Homero e seus poemas foram suscitadas pelos críticos da época alexandrina, pelos "corizontes" que, como Xénon e Helânico, negavam a autoria singular da *Iliada* e da *Odisséia*. Os argumentos que expunham, de pouca solidez, foram vitoriosamente refutados por Aristarco, paladino da unidade. O problema renasceu nos tempos modernos, alimentado pela tendência iconoclasta da filologia alemã do século passado. Esse movimento, conhecido por "Questão Homérica", apresenta duas fases distintas: estende-se a primeira do começo ao fim do século XVIII, de d'Aubignae a Wolf. A segunda ocupa todo o século XIX. Procurando reconstituir a história dos poemas homéricos, entre 950 e 550 a. C., o erudito professor da Universidade de Halle estabeleceu quatro conclusões: 1) A *Iliada* e a *Odisséia* foram compostas sem o auxílio da escrita. Sua composição e transmissão, feitas oralmente pelos rapsodos, sofreram múltiplas alterações no decorrer dos tempos. 2) Depois de reduzidas a escrito no VI século a. C., outras modificações foram introduzidas na redação de Pisistrato, com o propósito de harmonizar os cantos entre si. 3) A unidade perfeita dos poemas representa o resultado de contribuições posteriores. 4) Os poemas originais, com que se construíram as duas epopéias, não são obras do mesmo autor. Aceita em substância, a tese de Wolf sofreu alterações parciais nos trabalhos de Müller, de Lachman, de Christ e de Croiset. As idéias do autor das *Prolegomena ad Homerum* não são modernamente aceitáveis, pelo menos com os fundamentos de que êle se utilizou. A questão homérica, hoje existente, consiste "no problema de determinar a dívida de Homero para com seus predecessores". Atualmente, os maiores representantes da escola analítica — última sobrevivência do wolfismo — Wilamowitz-Moellendorff e Erich Bethe, em norma de proceder mais moderada, pretendem apenas que aos textos primitivos foram feitos novos acréscimos. Parece ser também essa a opinião do Sr. Émile Mireaux, membro do Instituto, que, com o 1.º volume da obra **Les Poèmes Homériques et l'Histoire Grecque** nos traz sua original contribuição, tendente a esclarecer alguns pontos obscuros do debatido pro-

(1). — Solicitamos dos Srs. Autores e Editores a remessa de suas publicações para a competente crítica bibliográfica.

blema. “Este livro — declara o Autor no capítulo I — é tanto um livro de história quanto de literatura. Nasceu de uma familiaridade apaixonada com os poemas de Homero e de uma longa curiosidade a respeito dos textos, dos monumentos, dos escritos relativos aos séculos em cujo decurso foram constituídas as cidades, o povo, a civilização helênica antes da prodigiosa expansão do V século. Desta dupla familiaridade nasceu a convicção, tímida a princípio, depois segura, consolidada enfim por toda uma série de convergências, de coincidências que o estudo paralelo da obra homérica e da evolução política, econômica e colonial do helenismo, desde o começo do VIII até o fim do VI século a. C., isto é, dos três primeiros séculos da história grega propriamente dita, deve enfim dar-nos a chave do irritante enigma de Homero”.

Uma leitura cuidadosa do trabalho convenceu-nos, entretanto, de que este tem mais valor literário que histórico, mais interesse artístico que positivo; quanto aos argumentos apresentados pelo Sr. Mireaux — originaes, mas não decisivos — não passam de sedutoras hipóteses, de sugestivas conjecturas que, longe de solucionar o problema, de elucidarem o enigma, complicam ainda mais o assunto, projetam novas sombras sobre a questão.

Por necessidade de exposição, o Autor adota a ordem cronológica, isto é, o caminho inverso da pesquisa e da descoberta. Isso dificulta sobremaneira o resumo que desejamos fazer. Partindo do principio de que as obras literárias, as que são imortais, exprimem sempre um momento da história e da vida de um povo, a preocupação dominante do Sr. Mireaux é fazer entrar Homero na história e não — como em geral acontece a todos os historiadores — procurar preencher com as obras homéricas a lacuna de três ou quatro séculos, ou seja, o período que decorre da Invasão Dórica ao VIII século a. C., da extinção do mundo micênico ao nascimento do mundo helênico. Apresenta-nos, portanto, o velho aedo cego como poeta do VIII século a. C. — antepassado epônimo do **genos** dos Homéridas de Quios — contemporâneo do surto vital que, no alvorecer da história grega, lançou na aventura marítima e colonial as forças jovens do helenismo. A causa principal dessa segunda colonização seria a procura de matéria prima — estanho e cobre — para os aristocráticos centros metalúrgicos desse triângulo formado por Calcis, Egina e Corinto, cuja rival poderosa era Mileto, nas costas da Ásia Menor. O cobre era fornecido por Chipre; o estanho, pelas jazidas da Cólquida e da Etrúria. A busca do precioso metal, foram traçadas duas rotas marítimas: uma setentrional, outra ocidental, disputadas ambas pelos calcídios e pelos milésios. A primeira tinha como escala obrigatória as costas da Tróada; a segunda, a ilha de Cócira, na qual o Autor reconhece a terra coríntia dos feácios. Nessas duas extremidades do mundo helênico eram anualmente, por ocasião da primavera, celebradas festas coletivas de caráter mítico e místico em honra dos heróis nacionais, Aquiles e Ulisses. Assistiam a essas festividades sacras não só marinheiros, mercadores, aventureiros e colonos, mas também toda uma alta roda de industriais, de fabricantes de armas, de representantes da aristocracia. Segundo o ilustre membro do Instituto, foi para esse público, aparentemente heterogêneo, que Homero, tomando partido nas lutas político-religiosas da sua época, compusera, no último quartel do VIII século a. C., seus poemas imortais — não a Iliada e a Odisséia tais como as conhecemos, mas sim duas epopeias menores, mais simples, ampliadas no VII século por outro poeta genial, descendente talvez do velho aedo — a **Cólera de Aquiles**

e a **Volta de Ulisses**. Na opinião do Autor, êsses núcleos primitivos — para os quais sugere interessante reconstituição — mostrar-nos-iam o duplo aspecto da poesia homérica: aristocrático e político de um lado; popular e religioso de outro. As personagens lendárias seriam o disfarce da realidade contemporânea. A **Cólera de Aquiles** cantaria os feitos dos aqueus do VIII século, dos pioneiros do helenismo — descendentes prováveis de Agamenão — que, acampados na planície do Escamandro, em frente à Ilión helênica, guardavam as portas dos mares do norte.

A **Volta de Ulisses** — expressão da aventura marítima com tôdas as suas seduções e horrores — ilustrando a glória da jovem Córçira — seria a epopéia dos mares do norte. Num e noutro poema haveria um fundo místico: a troca de armas entre o guerreiro tessálio e seu escudeiro teria grande importância religiosa; o reaparecimento de Aquiles no campo de batalha, após a morte de Pátroclo, simbolizaria o drama sagrado da morte e da ressurreição de um deus; o encontro do rei de Ítaca com a filha de Alcino — êsse episódio “feito de graça, de simplicidade, de transparência e de juventude eterna” — representaria o espírito da Árvore na festa da Renovação; a partida de Ulisses da terra acolhedora dos feácios seria o disfarce da cerimônia da purificação e do resgate. “A análise do ponto de vista religioso — nos diz o Autor — faz aparecer sob uma luz singularmente nova essa alma grega dos primeiros séculos que, refletida no espelho homérico e banhada na luz do Mediterrâneo, parecia a todos tão transparente, tão pura, tão elegantemente humana”.

O livro do Sr. Mireaux, interessante, bem documentado, mas não convincente, é escrito num estilo claro, elegante, harmonioso. As traduções em verso de alguns fragmentos dos cantos — principalmente a do episódio de Nausica — são de grande beleza poética. Todavia, o que mais impressiona no livro, que acabamos de resumir, não é a erudição do Autor, não são seus conhecimentos históricos e humanísticos, nem tão pouco seus dotes literários; o que de veras impressiona é sua imaginação ousada, fértil, indomável, imaginação essa que está patente em todos os capítulos da obra. Para atingir certas precisões cronológicas, não hesita o Sr. Mireaux em rebuscar, num passado lendário, a origem dos fatos. Para explicar alguns episódios, não vacila em recorrer a países longínquos como a terra dos “etíopes impecáveis” ou a Cólquida dos Argonautas. As reconstituições, que propõe para as duas epopéias, para “êsses contos magníficos, de eterna frescura, de encantadora poesia”, são engenhosas e artísticas. Entretanto a nós, que sempre vimos na “Iliada” e na “Odisséia” tais como as conhecemos, a obra do velho aedo do IX século a. C., qualquer tentativa de mutilação ou de reconstrução dos poemas — por mais sugestiva e hábil que possa ser — afigura-se-nos como que uma profanação, como que um sacrilégio.

Recomendamos essa leitura aos que se interessam pelo assunto, mas não cremos, como já dissemos no início dêstes despreziosos comentários, que o trabalho do ilustre Mestre francês possa pôr fim à controvérsia, consiga esclarecer a questão. Os poemas de Homero,

d’“Esse que bebo tanto da agoa Aonia,
Sobre quem tem contenda peregrina
Entre si Rhodes, Smyrna e Colophonía,
Athenas, Iós, Argós e Salamina”,

terão sempre, para os estudiosos de todos os tempos, o encanto de um mistério por desvendar, o atrativo de um enigma por decifrar, o sabor de um problema por resolver.

HILDA PENTEADO DE BARROS.

BOTELHO (Pero de). — Da Filosofia. 1. — Tratado da Mente Grega. Belo Horizonte. Candeia. 1949. 112 pp.

Quando há anos aqui esteve Leopoldo Zea, soube por êle que estava a estudar no México, um bolsheiro brasileiro. Estranhei o caso, pois, em geral, os nossos bolsheiros dirigem-se de preferências aos Estados Unidos e à Europa. Contara-me também Zea, que Pero de Botelho (era êsse o nome do bolsheiro) dedicava-se — o que era mais estranho ainda — à filosofia. Há dias, o Prof. Simões de Paula entregou-me, para que eu fizesse esta nota bibliográfica para a sua **Revista**, um livrinho de filosofia, de cento e tantas páginas, lindamente impresso (em geral os nossos livros são horrivelmente impressos) na página de rosto do qual li um nome que me era conhecido, o de Pero de Botelho.

* * *

O livro de Pero de Botelho, **Tratado da Mente Grega**. — no qual é perceptível a influência de Werner Jaeger e dos professores espanhóis atualmente residentes no México — é, como o título indica, um estudo do pensamento grego. O Autor examina aí alguns dos temas fundamentais desse pensamento, como sejam: 1) o mito e a teoria; 2) a beleza criada — a arte; 3) a beleza meditada — estética ou poética (Platão e Aristóteles); 4) a mente grega e a filosofia. Nesse exame o Autor revela estreito contacto com as fontes gregas e com os seus melhores comentaristas e, mais do que isso, adequada formação filosófica. A linguagem do seu trabalho, porém, é pedregosa e, em alguns trechos, confusa e até feia (V. p. 40: “na arte o belo vira on, ente”; p. 68: “onto-logia do que só tem, se diz, valer, que é puro in-esse” (?); p. 83: “o seu goal está em algo que procura sempre”), para apenas citar alguns exemplos.

Não são poucos os espanholismos que se encontram neste trabalho. E poucos não são também, os curiosos neologismos filosóficos que o Autor forjou. A êste respeito acode-me à lembrança o que Miguel Torga escreve no vol. IV do seu **Diário** (pp. 96-97) acêrca da nossa língua: “Língua de cavadores esta nossa, quanto mais se leva à bigorna, menos presta. (...) Sem qualquer experiência psicológica, não tendo até hoje feito nenhuma tentativa larga para abranger com meios próprios a técnica e a filosofia, é uma dor de coração vê-la tropeçar de incerteza e de pavor, à medida que a vida se complica e pede novas fórmulas. De vez em quando, um Garrett ou um Eça dão-lhe um esticão”. Mas, parece, êsses esticões não adiantam muito. São esticões dêstes que aparecem na obra de Pero de Botelho, mas alguns dêles arrepiam... Afinal, eu não sou purista, nem gramático, nem filólogo para ocupar-me com estas coisas e estou talvez a dar a impressão de procurar querelas onde não há razão para isso. Se faço êstes reparos, é porque o livro ganharia em ser escrito em linguagem menos complicada. As idéias são interessantes,